EMÍLIO COSTA

AS MULHERES
E
O FEMINISMO

LISBOA
1929

SIhi

A Salvador Sabóia, com
muita estima, of.
Emilia Costa
Maio, 1929

AS MULHERES
E
O FEMINISMO

Slhi

Composto na Tip. da « Seara Nova »
Impresso nas Oficinas Gráficas do «Jornal da Europa»
Rua do Século, 150

Slhi

EMÍLIO COSTA

AS MULHERES
E
O FEMINISMO

SEPARATA DA
«SEARA NOVA»

LISBOA
1928

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN BIBLIOTECA GERAL LISBOA
Slhi

O LEITOR DIRÁ...

TÔDA a gente sabe que «não há nada de novo debaixo do sol».

Esta sentença, profunda como tôdas as atribuidas a Salomão, que tinha as costas largas, todos a aceitam e proclamam e ninguém a segue. Tudo está dito e redito, mas todos vão dizendo e redizendo como se tudo fôsse novo debaixo do sol.

Isto será assim porque cada um considera novo o que diz e velho o que dizem os outros? Será porque a forma diferente de dizer a mesma coisa a faz parecer uma coisa nova? Será porque as gerações se sucedem e há sempre gente nova que não conhece as coisas velhas, ou ainda porque, por muito grande que seja o raio de acção do que se diz e se escreve, só uma minoria é atin-

Slhj

gida? Seja como fôr, todos gostam de dizer de sua justiça.

Os leitores dêste pequeno trabalho, ou repetem, uma vez mais, o *nihil novi sub sole* de Salomão, ou encontram alguma coisa que não acham de tôdo inútil que se dissesse.

É com a esperança de que esta segunda hipótese se realize que êste trabalho se publica, não me movendo, embora o leitor não acredite, o prazer de o ver a correr mundo em letra de fôrma ou o de ouvir a seu respeito referências amáveis de leitor amigo ou benevolente.

O que motivou a sua publicação foi a idea de que a questão nêle tratada necessita, pela sua importância, de ser esclarecida, porque anda muito confusamente debatida. Procurou-se, o melhor que se pôde, ajudar a esclarecer o problema grave que é constituido, na actualidade, pela vida da mulher nos seus vários aspectos: profissional, familiar, mundano, etc.

É dos mais importantes, se não o mais importante dos problemas que a grande guerra trouxe, não havendo ninguém que possa resolvê-lo ou se-

Slhi

quer compreendê-lo em tôda a sua extensão. É preciso, para isso, o concurso de todos... de todos aqueles que pensam nêle a sério. Como ninguém sabe tudo, e cada um pode contribuir para uma boa solução, pois nunca de antemão se sabe onde está a verdade, todos têm o direito de falar.

O leitor dirá se abusei dêsse direito, ou se fiz bem em lhe dar a ler as páginas que seguem.

Slhi

SE SOU FEMINISTA? CONFORME...

A questão do feminismo tem de ser estudada objectivamente, pondo de parte, o mais possível, sentimentos feministas ou anti-feministas. É que, se há preconceitos que levam a grandes êrros por parte dos anti-feministas, outro tanto acontece com a parte contrária. Enganam-se uns e outros, e da mesma forma, porque não dão a devida importância às condições da vida individual e às circunstâncias da evolução social, que podem muito mais que os nossos desejos e as nossas palavras.

Um dos êrros, por exemplo, mais espalhados entre as feministas, é o de julgarem que todo o homem *avançado* ou classificado como tal, tem de ser, por isso mesmo, um partidário e um defensor de tôdas as reivindicações feministas, principalmente das que se formulam no campo político. Esquecem-se de que uma coisa pouco ou nada tem com a outra — embora, à primeira vista, pareça o contrário — não havendo, de facto, forçada relação de dependência entre ser-se avançado e ser-se feminista.

Eu que não sou, que nunca fui, um conserva-

Slhi

dor, não sou feminista no sentido corrente do termo, e entendo que servem mal a causa da mulher os que defendem tudo o que às feministas lembra em matéria de reivindicações políticas. Quere isto dizer que sou então um anti-feminista? De modo nenhum.

Há mais de vinte anos, em artigos publicados no jornal *A Luta*, manifestava-me abertamente contra a forma como as sufragistas inglesas reclamavam os seus direitos políticos, porque essas feministas reivindicavam exclusivamente, ou quási, o direito do voto, e por isso se chamavam sufragistas. Todavia, num dêsses artigos, lia-se o seguinte:

« Repito que não sou, de modo algum, adversário das regalias políticas da mulher. Entendo que ela deve poder intervir, exactamente como o homem, quer se trate dos sufrágios, quer dos direitos conjugais, quer dos lugares que exercer. Quem pensar cinco minutos na questão, não pode deixar de concordar em que é de justiça que a mulher gose dos mesmos direitos políticos que o homem. É preciso não se ser incoerente como os que se riem alarvemente de tudo o que diz respeito ao feminismo, não compreendendo que uma mulher tenha voto, faça parte dum juri ou seja camarista, mas admitindo que ela seja directora dum colégio ou rainha; que não tenha capacidade para deitar um papel numa urna, com a mesma consciência com que o fazem a maior parte dos

Slhi

eleitores, mas que possa estar à frente dum estabelecimento de educação, de que pode depender o futuro de dezenas ou centenas de crianças, ou que seja capaz de estar à frente dos destinos de todo um povo, como acontecerá àmanhã à sr.ª D. Amélia, se o seu filho fôr passar uns dias a Paris».

«Porém se entendemos que não teem razão os que se riem do feminismo mas suportam as rainhas, também devemos ser contra os que, como as sufragistas, só vêem, na emancipação da mulher, o lado político, que é secundário, esquecendo-se do aspecto económico, o mais importante. É que, se é muito justo e muito bonito ter voto nas eleições, é muito mais justo e muito mais útil ter sempre pão em casa».

Como pensava então, penso agora. De modo nenhum sou contra o direito do voto a conceder às mulheres. E é para lamentar, diga-se de passagem, que, no reduzido número de países onde as mulheres desconhecem por completo essa regalía política, se encontrem três democracias como Portugal, a França e a Suíça, que, dessa forma, se negam a si próprias.

Que as mulheres votem, ou não, é-me indiferente. É que eu não vejo porque fariam elas coisas mais interessantes com o direito de voto do que sem êle. Dir-se-ia que as feministas políticas estão à espera de poder, de longe em longe, deitar um papel numa caixa, para começarem a ser mais activas, mais úteis.

Slhi

Tantas coisas boas que elas poderiam fazer, sem necessidade do tal papelinho na urna, e, sobretudo, sem as perdas de tempo e outros inconvenientes que a actividade eleitoral necessàriamente traz a quem muito se interessa por eleições! Em que é que o direito de voto lhes aumentaria a capacidade de realizarem essas coisas úteis, que nada teem com eleições? Pois não vêem essas sufragistas o que acontece entre os homens, em que quási tudo o que êles fazem de útil ou de interessante, nada tem com o seu direito de voto, do qual uma grande parte, se não a maioria dêles, não faz uso?

A predominância dada às reivindicações políticas manifestou-se principalmente antes da grande guerra.

Esta veio interromper a actividade reivindicadora das sufragistas inglesas e outras feministas, ficando o feminismo relegado para um plano secundário, em face das necessidades impostas pelo grande conflito.

Foi o abalo produzido pela guerra que operou a mudança observada na orientação das feministas. A política deixou de ser preponderante, vindo sobrepor-se-lhe as reclamações de carácter económico e social. O próprio termo de sufragistas, com que se designavam as feministas militantes, tende a desaparecer por completo, porque já não chega para designar tôda a acção feminista, cujo âmbito se alargou muito, interessando a vida

Slhi

económica, a profissão, a educação infantil, os costumes, etc.

O resultado desta grande mudança foi um aumento de dificuldades para as feministas, pela multiplicidade de problemas que estudam e procuram resolver, e pela sua grande complexidade. Se isso lhes não diminuiu os comentários conselheirais e os gracejos dos anti-feministas, trouxe-lhes a simpatia de muitos que, não se interessando talvez pelas suas reclamações políticas, se interessam vivamente por tôdas as outras. Dêste facto nasceu uma solidariedade e uma colaboração que fortalece a acção feminista e lhe aumenta as probabilidades de êxito.

Não se pode dizer em que altura estaria nêste momento a idea feminista e as suas conquistas se a sua evolução se tivesse operado normalmente, sem o aparecimento da guerra. Teriam as sufragistas inglesas conseguido o que pretendiam, e teriam arrastado as feministas dos outros países na corrente das reivindicações? Que teriam estas conseguido? Isso não se pode saber. Mas o que sabemos todos é que a vida social da mulher não seria o que é hoje: na actividade económica, nos costumes, na vida de familia, etc. Sabemos igualmente que não seria a que era há quinze anos, porque uma alteração se observaria na intervenção da mulher na vida colectiva no mesmo

Slhi

sentido. Iludem-se os que julgam o contrário, os que, chocados pelo que se passa actualmente, se esquecem ou ignoram o movimento de emancipação, que na vida da mulher se vinha produzindo há muitos anos. Porque se esquecem dêste fenómeno, falam e procedem como se a mulher de há quinze anos fôsse exactamente a mesma que era há trinta anos ou há cinqüenta.

Êste ponto é um dos que precisa fixar quem pretenda tratar da questão. O fenómeno actual reduz-se ao encurtamento do tempo em que êle se teria produzido sem a guerra. Aparte certos aspectos mais chocantes nos costumes, e que teem uma importância secundária, a mulher de 1914 estaria, digamos, em 1950 como está a de 1928.

Não se trata portanto dum desvio, se assim se pode dizer, na evolução referida, mas dum aumento de velocidade tal, que, pela anulação de *étapes* marcadas normalmente, transformou a evolução num abalo que tem, pela rapidez com que apareceu, qualquer coisa de mágico e que por isso mesmo perturba tanta gente.

Slhi

ESTAMOS NA GRANDE MISTURADA!

Dos multiplos efeitos produzidos na sociedade pela guerra, os que teem originado mais comentários e lamentações são as chamadas *carestia da vida* e a *corrupção dos costumes.*

Não se deve estranhar que a carestia da vida seja aqui tratada ainda que ligeiramente, porque o desequilíbrio económico está, nas suas conseqüências, estreitamente ligado com o problema do feminismo e com a corrupção dos costumes, em que a mulher é a mais alvejada.

Os comentários e as lamentações produzem-se em tôdas as camadas da sociedade, desde a mulher da hortaliça à burguesa «dona de casa» e à grande dama pergaminhada, desde o cavador ao conceituado comerciante e ao fidalgo de ilustres antepassados. Quer se trate de pobretanas e analfabetos, ou de gente de gravata de seda e curso superior, todos se queixam de que «tudo está pelos olhos da cara» e se alarmam com «a imoralidade que vai por êsse mundo». E o mais curioso é que as diferenças na forma de apreciação variam pouquíssimo duns para os outros, incompa-

Slhi

rávelmente menos do que variam os haveres e a indumentária, sendo vulgar ouvirem-se as mesmas expressões dum ao outro extremo da escala, marcando a mesma incapacidade de ver além da aparência. Dir-se-hia, ouvindo-os falar, que a vida, antes da guerra, era um paraíso económico e moral. Cada um a dizer o que fazia com o pouco dinheiro de então, que «chegava para tudo» e a extasiar-se perante a seriedade, a honradez e mais partes que ornavam mancebos e donzelas, cavalheiros e madamas. O que se não fazia com dez tostões, com um tostão, com dez réis! E como a mocidade, muito mais respeitosa e recatada, se divertia duma forma muito mais decente! E vão por aí fora, a maldizer da carestia e da imoralidade, nos comentários aos saudosos tempos em que um escudo valia um dollar e as mulheres tinham cabelos e saias.

Não se demoram um minuto a pensar no que dizem, arrastados uns pelos outros, não querendo ver que se trata, em grande parte, duma ilusão, tanto no que respeita à carestia como no que respeita à corrupção dos costumes. Para se evidenciar essa ilusão, basta pensar no que tôda a gente sabe: é que, em tôdas as épocas, duas coisas teem sempre sido objecto de queixas e de protestos: a carestia da vida e a imoralidade dos costumes. Há centenas, há milhares de anos que é assim. Não há exemplo das populações declararem que a vida está barata, que o que se ganha ou o que se

Slhj

possue chega para tudo. Não se lê isso na história dos povos; mas o que se lê sempre, são as queixas dos que teem que comprar o que comem e o que vestem, os protestos e as revoltas dos que teem fome e frio.

«Antigamente chegava para tudo», exclamam os queixosos. Mas vejamos: antigamente, é pouco antes da guerra, quando as greves se multiplicavam por aumento de salário, quando havia tumultos graves, como em França, por causa de alguns *sous* a mais num quilo de manteiga, ou quando em Portugal se apedrejavam as padarias pelo aumento de 10 réis num quilo de pão? Antigamente será há quarenta anos, há cem ou duzentos? A dificuldade está na escolha dos factos, a dizerem-nos onde está a verdade dessas: «dantes tudo chegava», «vivia-se bem com pouco» e outras afirmações semelhantes.

Há uma pregunta que os críticos da carestia deveriam fazer: Estando tudo tão caro, mal chegando o que se ganha para as coisas indispensáveis, como é que a maioria da gente se alimenta melhor, se veste melhor e se diverte mais? Repare-se para o facto do número de estabelecimentos de tôda a espécie onde se gasta dinheiro — comidas, bebidas, vestuário, diversões, etc. — ter aumentado, dum modo geral, por tôda a parte.

Áquela pregunta, responderão os comentadores, como explicação, com as diversas *vagas* de imoralidade, de sêde de prazer, de imprevidência,

Slhi

etc. Esta história das *vagas* contém uma certa porção de verdade, mas contém uma porção, talvez maior, de ilusão. Não nos esqueçamos de que, apesar de tudo, quando se gasta dinheiro, é porque se tem para o gastar, próprio ou alheio, o que para o caso, não tem importância. E depois a verdade é que um grande número dos que se queixam, o faz sem grande convicção. Fazem côro uns com os outros porque, estando assente que há um grande mal-estar, não se quere parecer que se está bem, o que é, no fundo, uma defesa instintiva; e ainda porque não se gosta de ter o ar de emitir opinião contrária à opinião geral, uma coisa que aterra a maioria das pessoas.

O caso presta-se a uma certa confusão, e não se explica fàcilmente, é certo; mas pensemos em que o mesmo sucede por tôda a parte. Transcrevo, por ser elucidativa, uma notícia publicada no princípio dêste ano.

«O ministro do comércio dos Estados Unidos, o sr. Hoover, nomeou uma comissão composta de economistas e homens de negócios, para se determinarem as causas da prosperidade que reina nos Estados Unidos e a tornam permanente. O senhor Mitchell, que deve estar à frente dêstes trabalhos, declara que os economistas estão absolutamente desnorteados nos seus esforços para explicar a extraordinária prosperidade de que gosa aquele país desde 1923. Uma característica anormal desta prosperidade é a sua persistência, a

Slhi

despeito da baixa dos preços, da diminuïção dos lucros, duma considerável falta de trabalho e da depressão na agricultura. Poder-se-hia fazer, com proveito, um inquérito do mesmo género na Inglaterra, para descobrir como é possível, com uma dívida nacional esmagadora, um orçamento anual de mais de 800 milhões de libras, uma média constante de 1.300.000 pessoas sem trabalho, uma crise ininterrupta na indústria do carvão e na metalúrgica, se mantenha, em tôdas as classes, um padrão da vida sensivelmente mais elevado do que antes da guerra, que, no dizer de banqueiros e economistas eminentes, a actividade comercial e industrial do país, seja muito maior hoje do que em 1913, ano considerado próspero por excelência».

Êstes e outros efeitos económicos da Guerra, e que tanto abalaram o prestígio dos pontífices da economia política, hão-de ser compreendidos e explicados um dia, quando a estabilidade da vida social vier, com todos os elementos de apreciação que faltam actualmente, a começar pela calma no espírito dos apreciadores.

É certo que essas *vagas* de desejo de bem-estar, de prazer, de imprevidência, existem, mas com carácter transitório, como se produzem sempre que as sociedades sofrem grandes abalos. A sêde de prazer, a imprevidência, a diminuïção do es-

fôrço no trabalho, com o lógico resultado de uma diminuïção de escrúpulos na vida de relação, são factos acidentais, transitórios. As sociedades não podem viver num estado permanente de perturbação económica e de desequilíbrio moral. No fim de algum tempo a vida volta a estabilizar-se, mas com aspectos diferentes dos que tinha, porque há formas de vida que desaparecem definitivamente e outras, novas, que acabam por se fixar. Além disso essas vagas, de tão maus efeitos, não atingem tôda a gente com a mesma fôrça, sendo uma pequena minoria, embora pareça o contrário, que é por ela atingida de forma a produzir desequilíbrio profundo.

O que a tôda a gente mais ou menos se estende, não é a sêde de prazer acompanhada de imprevidência desorganizadora, é o gôsto por um aumento de bem-estar individual, a aquisição de hábitos de melhor vida material e espiritual, que cada um se esforça por não perder. Ora, êste efeito da tal vaga não é nocivo, antes pelo contrário, é benéfico, porque é uma forte condição para um progresso na vida dos homens.

Mas, (e isto é outro ponto importante de que se não devem esquecer os críticos das tais vagas) o fenómeno do *aumento de bem-estar que se não quere perder* não se produz apenas nas épocas de grande perturbação. Produz-se sempre, em evolução normal das sociedades. É assim que em 1914, por exemplo, se vivia muito melhor do que

Slhi

em 1870, cuja vida era melhor da que a de 50 ou 100 anos antes.

A muitos dêsses que tantas saudades teem da vida de antes da guerra, é bem fácil chegar e até sobejar o dinheiro: basta, para isso, viverem como viviam — digamos, para não recuar muito — há 50 anos, as pessoas da mesma categoria. Aqui fica garantido que o dinheiro de que actualmente dispõem lhes chega e sobra. Simplesmente o que também se pode garantir é que ninguém de bom grado se resolveria a essa abundância de dinheiro, filha das privações a que se veria forçado.

A carestia da vida é um fenómeno mais de ordem psicológica que material, e tem por origem principal o facto indicado: *Ninguém que tenha conseguido um aumento de bem-estar o abandona, a não ser forçado a fazê-lo.*

Quem quizer estudar a questão, verifica que na evolução da economia social o aumento dos salários e ordenados é, *em geral*, maior que o do preço das coisas. Como se explica então que haja sempre queixas, reclamações e protestos contra a carestia? É que o desejo de bem-estar aumenta com o bem-estar e com a generalização, sempre crescente, da consciência, que cada um tem, do direito a usofruir as coisas bôas criadas pela indústria dos homens.

Há gente — os nobres e os ricos, antigos ou

Slhj

recentes — que não pode admitir aquelas pretensões. Entendem que a grande legião dos que mourejam para o pão quotidiano se devia contentar ou resignar com a sua sorte, incapazes de apreciar o que é bom e elevado. Nêste ponto estão todos de acôrdo: os velhos e os novos ricos. Os comentários e a troça de que êstes últimos teem sido objecto, é acidente sem importância, porque, acima de tudo, êsses novos ricos teem a grande virtude, sempre respeitada, de serem *ricos*, coisa que depressa faz esquecer tudo o mais. O que é insuportavel para êles, é a pretensão da legião dos pelintras em querer elevar-se no gôso da vida e essa misturada que, apesar de tudo, se vai fazendo, não se sabendo já distinguir, muitas vezes, fidalgos, burgueses e proletários.

A grande misturada! É outro fenómeno social que se segue às conflagrações guerreiras e revolucionárias, em que ninguém se entende: uns, e sobretudo *umas*, a imparem de satisfação porque podem imitar *os de cima;* êstes, todos agoniados pela subida *dos de baixo*, até que, passados os anos, tudo se estabiliza em novas formas, sepultadas no olvido tôdas as *Madame Sans-gêne*, a cujos filhos e netos ninguém pregunta donde vêem.

Slhi

«IMORALIDADE?»
FOI SEMPRE ASSIM!

O que acontece com os comentários à carestia da vida, acontece com os que se fazem à corrupção dos costumes. Também não há época em que se não ponha em confronto a imoralidade presente com a passada. As nossas avós, leitor, já diziam que o mundo estava roído dos ratos; e as avós delas diziam a mesma coisa. Basta ler qualquer livro de história de costumes nas várias épocas, para se verificar fàcilmente quanto isso é verdade. É erudição barata que está ao alcance de todos, e de que seria inútil fazer aqui estendal. Tão barata que tôda a gente poderia ter lido, há pouco tempo, num jornal dos chamados de grande circulação, uma crónica ligeira, onde se lia a reprodução dum pequeno artigo, publicado por um jornal francês de 1824, há mais de cem anos. Merece a pena transcrever essas linhas, porque elas constitúem, para quem não quere ler história, um pequenino quadro muito elucidativo. Dizia o jornal em questão, todo alarmado:

Slhj

«INDECÊNCIA LAMENTÁVEL»

Uma nova dança chamada *walser* ou *valsa*, vinda da Alemanha, aumenta de prestígio, de dia para dia, entre as classes cultas da sociedade. Nos bailes realizados últimamente nos salões aristocráticos, as mulheres cristãs, entre as quais algumas são mães de família, valsaram com cavalheiros desconhecidos para elas. Os maridos viram suas mulheres — aquelas que êles amam e respeitam — dançar enlaçadas por outros indivíduos. Não ousamos descrever esta nova dança imoral e anti-social, verificando com tristeza que ela conquista as simpatias daqueles e, sobretudo, daquelas que teem por missão oferecer ao povo o exemplo da decência e da virtude. Os prégadores receberam ordem de condenar do púlpito esta valsa que lança a desordem nos espíritos, perturba os corações e perde as almas.

É perder tempo afirmar-se que há, numa dada época, mais ou menos imoralidade do que noutra. Não há mais nem menos moralidade, porquanto esta varia com o ambiente social de que é resultante. Sem grande dificuldade — é tudo questão de ponto de vista — pode-se demonstrar que há, actualmente, ou em qualquer época dada, mais moralidade do que na época anterior, assim como se pode demonstrar que há menos.

Os costumes, que variam constantemente, foram sempre alvo magnífico para críticas, e em todos os tempos teve aplicação o *ridendo castigat mores*. Quem quiser tratar a questão da imoralidade actual, tem de se lembrar da mudança que

Slhi

nos costumes se opera, uma vezes tão lentamente que parecem imobilizar-se, outras, tão ràpidamente que a mudança toma aspectos catastróficos. O que houve agora — a causa é sempre a mesma, a guerra! — foi um salto por cima dumas poucas de *étapes* da evolução normal. Daí a confusão e conseqüentes comentários, tudo análogo ao que sucede com a carestia da vida.

Quando se lê o que partidários e adversários escrevem sôbre a emancipação da juventude feminina, nota-se, em primeiro lugar, que as opiniões são, dentro do mesmo campo, variadíssimas, indo desde a apreciação moderada, ao ataque mais violento ou à defeza mais lírica.

Do que uns e outros dizem, conclui-se que os partidários da emancipação estão em melhor campo enquanto se limitam ao presente, e que os adversários ganham no debate quando falam no futuro. A fraqueza da argumentação dos adversários quanto ao presente, está em que êles só vêem, na juventude emancipada, as jovens que, dos novos costumes, só tomam o lado condenável. Reparam apenas para as que teem, como preocupação e ocupação máximas, seguir a moda cègamente, seja ela qual fôr; para as que, sem direcção nem constrangimento, teem o culto do *chiquismo*, procurando, por isso, ser *chics*, seja por que preço

Slhi

for. São essas que, no dizer dum adversário feroz, «sem peitos nem ancas, fumam, jogam o box e bebem como os homens, e que, do amor, só conhecem as acrobacias em *taxi*», acrescentando ainda que «as mulheres desta geração, de ossos salientes, nuca rapada, gestos sacudidos e sem graça, desprezam a maternidade, declaram que não querem ser mães porque não ousam confessar que são estéreis, estéreis fisicamente, estéreis de coração e de sentimentos».

Estas meninas *chics*, que se julgam emancipadas, constituem apenas uma parte da falange das desvairadas do após-guerra. A outra parte da falange é constituída por maduras e velhas que arrastam o resto da existência pelos *dancings*, nos braços de dansarinos langorosos e espertos.

Essa juventude feminina que só tem energias para os desportos e a dansa, para tudo o que é ruído e exibicionismo, é o lógico complemento da juventude masculina que nada mais admira que a destreza e a fôrça física, a violência, a ousadia extravagante, e que tem um profundo desdém pela Inteligência e por tudo o que com ela se liga e dela deriva. Mas isto é transitório. A calma há de vir; e quando passar o que resta ainda, que é muito, de desequilíbrio, de nervosismo, de confusão e desorientação, os rapazes serão de outra espécie e, automàticamente, deixará de ser *chic* serem as raparigas o que são agora.

Não se devem, portanto afligir muito os adver-

sários da emancipação da mulher, com estes aspectos, realmente lamentáveis, da menina moderna, tanto mais que elas são, a-pesar-de tudo, uma minoria.

Não são para recear essas emancipadas, que o são apenas de nome, que, na realidade, são apenas pobres criaturas frívolas, vivendo *au jour le jour* da imitação da moda e do prazer fácil. Porque se àmanhã fôr *chic* levar uma existência de timidez aparente, de recato, farão tudo o que lhes disserem, contanto que seja moda e que não seja trabalho.

No campo dos costumes, foi incontestàvelmente a mulher quem mais se modificou.

Essa modificação, operada em meia dúzia de anos, é, na verdade, perturbadora, e não é para admirar a confusão que ela produziu, principalmente entre as pessoas idosas.

O que mais se nota, e por isso mais impressão produz, é, como já disse, o que menos importância tem, porque é transitório.

O desvario que se observa na vida moderna, produziu-se sempre, variando, é claro, os seus aspectos com os meios de que se dispõe na vida. Manifesta-se, geralmente, por mais ousadia nas atitudes e no vestuário, mais liberdade de acção, exagêro das modas, grande predilecção por tudo

Slhj

o que é movimento, particularmente na dansa e nos jogos a que modernamente se chama *sport*. Simplesmente desta vez, produziu-se o fenómeno num mundo em que os meios de acção se centuplicaram, abrangendo agrupamentos humanos e espaços muito mais consideráveis do que há apenas pouco mais de um século. O que varia é a proporção em que o fenómeno se produz; na essência, é o mesmo.

A característica da época em que vivemos é o *irrequietismo* que, com a imensa mecânica de que se dispõe, originou a vida frenética, com uma predilecção apaixonada pela exuberância, pelas singularidades, pelo exibicionismo, descambando fàcilmente e fatalmente no destrambelhado da existência. É um estado febril, um estado doentio. Mas a calma há de vir, inevitàvelmente. E então irão desaparecendo os desvarios e hão de ficar apenas as coisas que pareciam êrros e eram acêrtos. Porque há acêrtos no meio disto tudo; a mistura e a confusão é que os não deixam distinguir. A calma há de vir, tanto mais certamente, quanto a parte desvairada da população feminina é menos numerosa do que se pensa. Parece ser muito grande, porque é constituída pelas mulheres que mais dão nas vistas, mais barulho fazem e mais dinheiro gastam: as grandes mundanas *coquettes* e as grandes semi-mundanas *cocottes*, indo-lhes na esteira a miudagem social de algumas burguezas e semi-burguezas, mas a certa distância, porque nem os meios

Slhi

nem a coragem abundam. Esta minoria espalhafatosa de ruído e chiquismo tem uma influência tanto mais superficial quanto as mulheres que a constituem são as que não trabalham, as que não produzem utilidades. E o trabalho, digam os pessimistas o que disserem, é ainda o que vale, como influência profunda e duradoura na vida colectiva.

Slhj

OS CULPADOS DA EMANCIPAÇÃO FEMININA

Quando Elisée Reclus esteve em Portugal, há mais de 40 anos, em viagem de estudo para a sua grande *Geografia Universal*, notou que nas ruas das cidades quási se não viam mulheres. Quem conheceu Lisboa há 40 anos, e tem acompanhado a evolução operada na vida das suas ruas, vê bem a enorme mudança que se tem produzido de então para cá.

A freqüência de mulheres nas ruas é, de todos os aspectos de Lisboa, aquele que acusa talvez maior diferença, mostrando bem a transformação operada nos costumes. O que se diz de Lisboa, pode di zer-se das outras cidades do país, sendo a transformação tanto maior, quanto mais importante é a povoação e menos isolada se encontra.

Todavia, quando, há meses, um jornalista belga escreveu, num jornal do seu país, uns artigos de impressões de Portugal, notou a pouca freqüência, em Lisboa, de mulheres nas ruas e noutros lugares públicos. O lisboeta pacato que tenha assis-

Slhi

tido à evolução dos costumes da cidade, poderá encher-se de pasmo, e pensar que o jornalista observou mal. É porque não se lembra de que, se as cidades portuguesas evolucionaram no sentido da *mulher fora de casa*, as outras cidades europeias evolucionaram tanto ou mais, mantendo-se, pouco mais ou menos, as diferenças que Reclus notara.

Com esta freqüência sempre crescente da mulher na rua se alegram uns e entristecem outros, porque ela significa mais liberdade de acção, mais independência. As coisas não deixam, por isso, de seguir o seu curso, o qual não depende da opinião ou do gôsto de cada um.

Uma das características mais interessantes de evolução das sociedades é a intervenção, cada vez maior, da mulher na vida colectiva, em contacto com a multidão.

É tão importante êste fenómeno, que se pode dizer, sem errar, que uma sociedade está tanto mais modernizada quanto mais freqüente é a vida da mulher fora de casa, fora do meio familiar. Podem marcar-se as fases duma civilização, pelas regalias e direitos que a mulher tem conquistado, o que provém, precisamente, dessa maior acção social por ela exercida. Direitos e regalias são apenas a sanção da mudança de costumes estabelecida na existência da mulher, e operada pelas

Slhi

necessidades da vida económica. Os que lamentam a crescente liberdade da mulher, a constante diminuïção da dependência em que ela está para com o homem, teem que lamentar os progressos realizados nas indústrias e nos transportes, principalmente a partir da segunda metade do século passado. Esses progressos é que são os grandes culpados da mulher ter saído para fora do casulo paternal e conjugal, e ter começado a voar por sua conta e risco. Para fazer voltar a vida da mulher ao que era antes, seria preciso anular tôda a indústria moderna e a viação acelerada.

Foi o desenvolvimento industrial que obrigou a mulher a trabalhar, porque os homens não chegavam para tôdas as necessidades da indústria. E como esta se tem desenvolvido com uma rapidez sempre crescente, da mesma forma a mulher é atraída para ocupações que, tomando, cada vez mais, a forma fabril, forçam a mulher a sair para o trabalho e a viver fora de casa.

Lucien Romier, no seu livro *Qui sera le Maître*, dá-nos, com muito clareza, a causa da rapidez crescente com que se opera a mudança de costumes da mulher, pela influência dos agrupamentos e da multidão, a que êle chama a « acção das massas ».

« A mulher nova, diz êle, adapta-se muito depressa e instintivamente, às necessidades ou às

Slhi

novas tendências, como se adapta às modas. As mudanças exteriores, as crises, as guerras, a ruína, a prosperidade, actuam mais directamente sôbre a sua maneira de viver e de pensar do que sôbre a do homem.

« Outrora, o círculo social atingido pelo abalo imediato dos acontecimentos era pequeno: sòmente os costumes da côrte e da cidade, dalguns milhares de pessoas, registavam esta vibração. Quando ela chegava às populações esparsas das províncias, chegava de tal maneira amortecida que os velhos costumes, salvo uma emoção superficial, resistiam-lhe fàcilmente. Por isso, os historiadores notam sem interêsse os curtos períodos de relaxamento de costumes que sempre teem seguido os grandes acidentes do passado, semelhantes aos círculos que se desvanecem na água após a queda da pedra.

« Actualmente já não há abalos efémeros e de fraco alcance. As multidões agrupadas em aglomerações enormes, sofrem a influência imediata da mais pequena mudança de ordem económica e social. Os jornais, os anúncios, os caminhos de ferro, o automóvel, com uma velocidade e uma fôrça sem precedentes, levam a sua influência até aos habitantes das pequenas cidades e dos campos. Desta forma o ataque contra os costumes antigos chega em bloco, irresistìvelmente armado, antes que a defesa o tenha previsto.

« Os costumes ou as modas novas não são es-

Slhj

palhadas apenas com uma fôrça inaudita; são imediatamente consagrados pela imensa coalisão de interêsses que as explora. Certa maneira de se vestir, de mobilar, de se alimentar, de se divertir, uma vez oferecida ao público e «lançada» fortifica-se pela solidariedade dos fabricantes, dos operários, dos transformadores, dos comerciantes, dos vendedores, aliados todos na procura dum ganho que a todos toque».

Esta acção social das massas fazia-se gradualmente. Á medida que os anos passavam, ia-se acentuando irresistivelmente a libertação económica da mulher, a passos lentos nuns pontos, ràpidamente noutros; mas por tôda a parte o fenómeno se manifestava. Simplesmente, não havia os clamores de agora, porque, embora a diferença realizada em meio século fôsse muito grande, produzira-se a adaptação gradual, cada geração legando à outra, já consagrado pelo costume, o que para ela fôra uma novidade. Isso não impedia que, a cada aspecto novo na vida social traduzindo uma maior liberdade de acção, as lamentações se fizessem ouvir sôbre a perdição da mulher, se declarasse em falência a autoridade dos pais, e os conflitos surgissem entre os partidários e adversários da inovação. Mas como tudo isso se perdia no meio da estabilidade relativa da sociedade e como todas as gerações que ralhavam já tinham

Slhi

ouvido ralhar, as críticas e as lamentações não chegavam a formar o côro imponente que actualmente formam.

Destacavam-se algumas vozes no campo dos avançados, a que correspondiam outras tantas no campo opôsto. Vieram porém os quatro anos da guerra, e no fim dela, realizou-se uma transformação tanto ou mais forte do que a que se realizara em meio século. E a mulher de 1920 apareceu, pode dizer-se, de repente, tão diferente da de 1914, como esta o era da de 1850 ou 1870. Sòmente, os homens de 1914 não tinham conhecido as jovens de 1870, para se impressionarem com a diferença.

Não tendo havido tempo para a adaptação, o choque foi muito grande e o clamor levantou-se por banda dos conservadores, ao mesmo tempo que exultavam de contentes os avançados.

Passados 10 anos sôbre o fim da guerra, as opiniões manteem-se a favor e contra a emancipação da mulher. O que mais fere a atenção de todos, o que mais preocupa e desola uns e mais aplausos merece a outros, é a atitude que tomou a mulher jovem, a mulher solteira. É por isso que, para uns, aquela atitude é o caminho para a perda de tudo o que é honesto; para os outros é a salvação, o caminho para a felicidade, para a harmonia social.

Slhi

É PRECISO NÃO CONFUNDIR!

As modificações mais importantes que a guerra originou na vida da mulher são as produzidas pelo desequilíbrio económico.

É já do domínio do lugar-comum dizer como êsse desequilíbrio se produziu, com a invasão forçada das mulheres em certas indústrias fabris e outros trabalhoe até então reservados aos homens. O que nos interessa é examinar as conseqüências do facto, porque são elas que constituem o motivo da mudança de orientação nas reivindicações feministas. Aquelas conseqüências são de tôda a espécie, e abrangem tôdas as clases e tôdas as formas de actividade.

Surgiram conflitos e problemas sem número, dependentes uns dos outros, entrelaçando-se confusamente, tornando-se, por isso, dificílimo, se não impossível, estudar o fenómeno como um todo. É necessário, para nos não perdermos nêste labirinto de causas e efeitos, dividir, especializar, tratar cada aspecto da questão em separado. Simplesmente, é também preciso não esquecer que qualquer dos problemas se não pode resolver por

Slhj

si só, dependente como está, de todo o funcionamento de vida social.

Não é só às feministas que importa estudar esta questão. É também, ou principalmente, àqueles que, como dantes se dizia, estão à frente dos destinos da nação. Se todos os que exercem funções de governantes, de organizadores, querem exercer uma acção benéfica, teem de estudar o problema sem preconceitos feministas ou anti-feministas, encarando-o apenas objectivamente. Tratá-lo de outra forma, olhando ao sentimento próprio, não é mais que perpetuá-lo, e aumentar a desordem social em que nos debatemos, com prejuizo para todos. O equilíbrio económico, a harmonia política, a moral social e a familiar, a saúde e a educação das crianças e dos adolescentes, tudo isso que é a vida de todos, boa ou má, está intimamente ligado à grande questão do trabalho da mulher.

Importa ainda não perder de vista que, se por um lado, em todos os países, o problema da vida económica da mulher se apresenta o mesmo, com causas e efeitos análogos, estes variam muito, na sua intensidade, segundo os países onde se produzem.

Não se tendo isto em conta, comete-se um grave êrro, porque se procuram remédios para um mal a qne êles se não aplicam e, portanto, nada remedeiam.

Não devemos esquecer que Portugal foi dos

Slhi

povos beligerantes o que menos sofreu *directamente* com a grande guerra, onde ela menos influência exerceu.

Houve países neutrais que sentiram muito mais os efeitos da atmosfera de guerra do que o nosso, que foi, de todos os paises da Europa, aquele que esteve mais longe duma frente de batalha.

O que as mulheres tiveram de fazer, na Inglaterra ou na França, proveniente da falta de grandes massas de homens que partiam, da enorme mortandade, da legião dos inválidos, da necessidade de manter as indústrias alimentadoras da guerra, as mulheres portuguesas só o conheceram de ouvir falar. A influência que tudo isso exerceu na vida da mulher: na economia, na família, nos costumes, etc., sentiu-se em Portugal indirectamente, como reflexo. Além disso há que considerar que aquela influência foi ainda mais notável em países de vida industrial intensa, onde a mulher já tinha, antes da guerra, uma intervenção na vida económico-social muitíssimo maior que em Portugal.

Pode até dizer-se que, nêsses paises, aquela intervenção era, em 1914, bem maior do que exercida em Portugal com as conseqüências da guerra. É tudo isto que tem de se tomar em linha de conta, para se não errar muito.

Todavia, não devemos pensar que se trata, no nosso país, dum fenómeno de pouca importância, efémero, e que tudo volta à forma anterior no fim de pouco tempo.

Slhi

A vida da mulher já não volta ao que era há 15 anos, porque a isso se opõe: a influência quotidiana e constante da vida internacional, que de dia para dia é mais forte, e a que se não pode fugir; a evolução económica do país, que se faz no mesmo sentido que nos outros, mais lentamente, mas produzindo naturalmente os mesmos efeitos; e finalmente os hábitos de vida, a mentalidade, a moral social que a mulher adquire desde que se habitua a ganhar a sua vida, a ter um ordenado, facto que se tornou muito freqüente, abrangendo um número de mulheres de tôdas as condições, muito superior ao que era antes. Estas mulheres actuam iudirectamente, por mil formas, na mentalidade e nos costumes das outras, das que ainda se conservam fora da nova vida económica.

O que há, portanto, a fazer, é estudar o feminismo português que não é, que não pode ser exactamente o mesmo que o francês, o inglês ou o americano.

É o que as feministas não podem perder de vista para evitarem imitações descabidas e de efeitos contraproducentes. O fim a atingir, entre nós, deve consistir em se contribuir eficazmente para uma boa melhoria na vida da mulher e, por isso mesmo, na vida de todos, e não em procurar realizar integralmente a emancipação prégada por muitas feministas militantes.

As feministas portuguesas estão em muito boas condições para realizarem uma obra de de-

Slhi

feza da mulher, porque vivem num país onde a crise das profissões liberais, entre as mulheres, se não faz sentir fortemente. Além disso, o problema das mulheres operárias na indústria, principalmente a fabril, é o mesmo que era há anos, por não ter o país sofrido a intensificação da entrada das mulheres nas fábricas, por motivo da guerra. O problema acha-se, por isso, simplificado entre nós. E agora é que é estudá-lo, para não virmos a cair nas mesmas dificuldades em que outros países se debatem. Essas dificuldades devem ser lições a aproveitar para se evitarem as crises que as originam.

As feministas portuguesas, sem de modo algum contrariarem a obtenção de regalias políticas e sociais, e sem hostilizarem a liberdade, que cada uma deve, ter de seguir a profissão que entender, teem um grande campo aberto à sua actividade, dedicando-se a considerar mais a mulher do que o feminismo. Dir-se-há, mais uma vez, que a causa do feminismo é a causa da mulher. Será, e quero crer que é, em teoria; na prática, nem sempre é assim.

É que certas reivindicações feministas formuladas como coisas magníficas para a mulher, conteem muita ilusão. Os mais fortes adversários dessas reivindicações tão apregoadas, são as próprias mulheres. Por isso, é preciso distinguir entre feminismo e mulheres, existindo, entre estes dois termos, menos ligação e mais divergência do que talvez muitas feministas julgam.

Slhj

CONFLITO ENTRE O LAR E A PROFISSÃO

Há anos, no tempo do presidente Wilson, antes da guerra, uma rapariga que estava prêsa na cadeia de Brooklyn (Nova York) dirigiu ao presidente uma petição no sentido de lhe ser permitido usar o traje masculino.

«Tenho sido prêsa várias vezes, dizia ela, por me vestir de homem e manteem-me agora na prisão por me recusar a envergar trajes femininos. Todavia, o motivo da minha decisão nada tem de desonroso, visto que, quando envergo o vestuário do meu sexo, não ganho mais de 6 dollars por semana, e ando ainda sujeita às graçolas e até às grosserias de certos homens. Quando me visto como êles, posso ganhar, no meu ofício de encadernador, 12 a 14 dollars por semana, e sou mais respeitada. Se eu sou bastante forte para executar o trabalho de um homem, não vejo razão para que não possa vestir-me também como um homem. Com certeza que não é um crime!»

O presidente Wilson não respondeu. Foi uma

Slhi

atitude prudente. Na verdade, que poderia êle responder?

Numa revista inglêsa, miss Fawert conta que antes da guerra se dava o caso de um operário poder trabalhar em sua casa quando estava doente e a espécie de trabalho o permitia. Então êle ensinava à mulher o trabalho a fazer e esta ia-o substituindo à medida que a doença se prolongava. O patrão recebia a obra e entregava à mulher o salário do marido. Mas acontecia falecer êste, e então já o patrão não pagava à viuva, pelo mesmo trabalho, senão dois têrços do que pagava ao marido.

Estes dois factos sãe apenas dois exemplos do que sucede correntemente por tôda a parte. Que dirão a isto os nossos bondosos exploradores do trabalho alheio? Provavelmente «guardam de... Wilson, o silêncio prudente».

É cheia de razão que a mulher, em congressos e outras manifestações da sua vida social, pugna pela fórmula justiceira: «A trabalho igual ao do homem, o mesmo salário à mulher». A propósito, na última *Conferência internacional das mulheres socialistas*, realizada há meses na Casa do Povo de Bruxelas, M.me Hanna, da Alemanha, falando da situação das mulheres na indústria, disse:

«A fórmula adoptada pelo movimento operário: «A trabalho igual, salário igual», que é aplicada para a fixação dos salários como regra geral, quando os homens e as mulheres efectuem o mesmo trabalho, deve ser aplicada igualmente, como é de

Slhi

razão, quando as mulheres não efectuam identicamente o mesmo trabalho dos homens».

Como se vê, as reivindicações sôbre trabalho feminino caminham ràpidamente. Mas esta questão de salários não é tão fácil de decidir como à primeira vista poderá parecer às feministas reivindicadoras. Seja como fôr, fazem bem as mulheres em se ocuparem de tão importante questão, porque, entre as muitas injustiças que a mulher sofre, a desigualdade dos salários é das mais revoltantes. É das que melhor mostram a hipocrisia de todos êsses senhores que «dão dinheiro a ganhar», de bondade apregoada nos jornais, que dão dinheiro para asilos, hospitais e creches, fazendo assim lembrar um homem que andasse às facadas aos outros e oferecesse os remédios para as feridas.

São êsses bondosos que foram perfeitamente retratados na conhecida quadra espanhola:

El señor D. Juan de Robres
Com caridad sin igual
Hizo este santo hospital...
... Pero antes, hizo los pobres

Em 1919, uma comissão extraordinária nomeada pelo govêrno inglês para estudar as condições do trabalho na indústria, na agricultura, no comércio, etc., chegou às seguintes conclusões:

Os emprêgos do Estado devem ser acessíveis tanto às mulheres como aos homens, desde que

Slhi

aquelas possuam as qualidades técnicas exigidas. Que o máximo de horas de trabalho deve ser de 44 por semana. A comissão entende que cinco horas de trabalho ininterrupto devem-se evitar, mas recomenda que o trabalho seja executado com curtos intervalos para repouso e distracção. Não devem ser permitidas as horas suplementares, os serões e o trabalho ao domingo.

Em vista da utilidade do agrupamento corporativo, a comissão recomenda às mulheres que entrem para as associações de classe da sua profissão, evitando, tanto quanto possível, a formação de associações profissionais puramente femininas, visto que os interêsses dos operários e das operárias são quási sempre idênticos.

É ainda de opinião que o treino profissional adquirido no tempo da guerra pode ser fàcilmente adaptado às necessidades do tempo de paz. Finalmente, desaprova o trabalho das mulheres casadas fora das suas casas, e faz votos para que leis sociais bem compreendidas permitam à mulher casada ter os filhos e educá-los convenientemente. Mostra-se adversária da criação de creches nas oficinas.

Pela mesma ocasião, uma comissão nacional da mecânica, composta de representantes dos patrões e dos operários belgas, admitia, para a mulher ocupada na metalurgia, o princípio do salário igual ao do homem, na execução dum trabalho idêntico.

Em França e noutros países de grande indús-

Slhi

tria, a mesma preocupação domina governos e todos os que se interessam pelo magno problema do trabalho da mulher na indústria. A guerra viera modificar usos e costumes, e impor a necessidade de admitir a mulher em trabalhos oficinais até então reservados ao homem. E a forma como as mulheres se tinham comportado durante o grande conflito, executando as mais rudes tarefas, sem fugir aos seus deveres maternais, contribuiu poderosamente para a aceitação daquele princípio sôbre o salário, e para diminuir a relutância, antes tão geral, em admitir a mulher em tôda a espécie de trabalhos.

Todavia não deixou de se impor, a todos os espíritos esclarecidos, a delicadeza do problema que êste facto comportava.

As condições económicas de após-guerra continuam a atraír e a manter a mulher nas indústrias. Todos compreendem que não era possível proïbir que ela entrasse em certos elementos da vida industrial, mas, por outro lado, é preciso que o exercício dêste direito não seja nocivo ao futuro da raça e não tire à mulher o seu principal papel na sociedade: criar a família, tratar da casa, educar os filhos.

Estabeleceu-se, como se vê, o conflito que perdura, que não tem feito senão agravar-se, entre o trabalho da mulher fora de casa e o trabalho do-

Slhi

méstico. Esta dualidade de ocupações é um dos grandes problemas da actualidade. É dêle que principalmente deriva o mal-estar doméstico que se manifesta por variadíssimas formas.

Onde os partidários da emancipação perdeu terreno, é quando se trata de considerar a mulher casada e a mãe. Os mais entusiastas confessam que as dificuldades começam com o aparecimento do marido, e tornam-se muito grandes com o aparecimento dos filhos. E ou confessam que não sabem como resolver o problema, ou, não querendo confessar-se vencidos pela dificuldade, admitem, como boas, soluções que nada resolvem, porque a maior parte das vezes se resumem em mera literatura, à falta de melhor.

Dizer-se que a mulher, que aprendeu a ganhar a sua vida, se instruiu, se elevou, equiparando-se ou sendo mesmo superior, intelectualmente, ao marido, tornará o lar muito mais interessante, é uma verdade indiscutível, e que ninguém de bom senso nega. Que dessa maior capacidade intelectual e profissional da mulher, nasce uma independência moralizadora dos costumes, por uma maior justiça dentro do lar, e que os filhos, educados por uma mãe nestas condições, só teem a ganhar, são igualmente indiscutíveis verdades.

Tudo isso é a expressão do ideal para o qual se tende, do qual se está, é provável, cada vez

Slhj

menos afastado, mas não é a solução do problema, não é vencer, *pràticamente*, a dificuldade que provém da mãe de família trabalhar fora de casa. Esta dificuldade não se vence dizendo-se, com mais ou menos talento, o que as coisas deveriam ser, mas em conciliar a vida da mulher no lar com a sua vida profissional fora do lar. E a verdade, por mais dura que ela seja, é que, por emquanto, há um conflito entre o lar e a profissão, para o qual não se vêem senão paliativos que pouco ou nada resolvem.

Os lares onde o que o homem ganha não chega para se manter o padrão de vida que se deseja ter, são cada vez mais numerosos. Dêste facto resulta procurar a mulher restabelecer o equilíbrio com o seu trabalho.

Ao mesmo tempo procura-se que os filhos e as filhas ganhem dinheiro, o mais cedo possível, para aumentar os proventos da família. Além de tudo isto, é preciso ainda notar que a tendência da mulher é para afirmar, com o produto do seu trabalho, a sua independência perante o homem, embora êle disponha dos recursos necessários para manter a família.

Slhj

ILUSÕES PERDIDAS

Não é da mulher pseudo-emancipada do *sport* e da dança que os conservadores devem ter receio. Delas não vem o perigo, antes pelo contrário, para a sociedade que êles querem conservar. É das outras, das que se emancipam pelo trabalho, que êles devem ter receio, se algum perigo vêem na sua atitude. Mas, nêste caso, não teem senão que se resignar, porque já não se volta para trás, pois não se trata de uma moda, mas duma resultante da evolução social.

Há uma coisa de que já ninguém é capaz: é de garantir a tôda a gente a estabilidade, embora relativa, da vida económica de há 15 anos. Aquela estabilidade, que a todos dava confiança na eficácia dos ordenados e de rendimentos, desapareceu. Dêste facto resultou principalmente a procura de ocupações remuneradas, nas quais se lançaram mulheres de tôdas as idades e condições, cada uma valendo-se da habilidade ou das prendas que possuia. Falo, escusado é dizer, de meninas e senhoras da classe média, onde ganhar a vida era a excepção, pelo que a educação se dava apenas para a posse

Slhi

de ornamentos educativos que caracterizavam a chamada «menina prendada». Quanto às mulheres do povo, essas trabalharam sempre, trabalham, e hão de trabalhar; as da aristocracia e da «sociedade elegante» nunca trabalharam, não trabalham, e nunca se resignarão a mudar de sistema. Mas a realidade brutal mostrou que tôdas essas prendas de pouco serviam para se ganhar sequer o suficiente para ajudar a despeza da casa. Por isso as novas lançaram-se nos cursos e concursos, em tudo o que lhes pudesse garantir um ganha-pão suficiente.

O impulso está dado, o exemplo é contagioso, e há de acabar por decidir os mais tímidos e forçar os pais mais refractários por tradição ou por terem ainda muita confiança no dinheiro que possuem. É uma verdadeira revolução que se está realizando, de conseqüências incalculáveis. Boas ou más essas conseqüências? Isso é outro problema!

Cada vez com mais freqüência, noticiam os jornais conquistas do feminismo. Ora é uma senhora que é nomeada para um alto cargo administrativo, técnico ou político, ora é uma lei que aparece em países onde essas coisas menos se esperam, concedendo à mulher regalias até então recusadas.

Êstes factos são, como é natural, muito pró-

Slhi

prios para entusiasmar os partidários da emancipação feminina, e contribuir poderosamente para o aumento da afluência de mulheres às profissões chamadas liberais.

Assim se multiplicam médicas, advogadas, farmaceuticas, sem falar nas inúmeras funções burocráticas, desde a telegrafista à dactilógrafa.

As profissões aparecem aos olhos da mulher como a mais sedutora das miragens, em que entra tudo o que pode atrair: a independência, o orgulho satisfeito, a possibilidade de *subir*, de ganhar mais ou de brilhar, condições de uma vida que elas sonham magnífica. E vão, cheias de coragem e sobretudo de esperança, para os estudos, donde esperam sair para a vida brilhante com a mesma facilidade com que a arquitectaram. Mas a realidade, com as suas asperezas e desilusões, começa a manifestar-se durante os estudos, visto que, das raparigas que freqüentam liceus e outras escolas, apenas uma pequena minoria é que chega ao fim, ficando as outras pelo caminho. Porquê? É que a vida é brutal, e veem as doenças, as perdas de ano, as dificuldades económicas, o namôro com o casamento no horizonte, o aborrecimento, etc. Estas iludidas formam um grande exército de *déclassées* incapazes de aplicar o que aprenderam, porque não tem aplicação, e não querendo, na grande maioria dos casos, voltar-se para o ganha-pão manual. Êste aparece-lhes como um rebaixamento.

Slhi

Pois elas, que aprenderam a papaguear verbos, fórmulas químicas, demonstrações geométricas e nomes geográficos, ¿haviam de ir fazer chapeus ou cortar vestidos? As suas mãos não se fizeram para isso; e a família ajuda a manter esta atitude, porque também não quere *descer*.

Desta forma se engrossa a legião dos *declassés* que já era grande quando só o outro sexo a formava, e se multiplicam as *démarches* de pais, parentes e amigos, para se obter o emprêgo salvador, qualquer coisa que dê um ordenado, e seja «decente»; (decente, nêstes casos, é tudo o que não está classificado de trabalho manual). Enquanto se procede a êstes trabalhos, a menina, por seu lado, procura noivo, para o que trata, é claro, de pôr em destaque tudo o que pode, desde a *toilette* até às prendas adquiridas na escola. E enquanto não chega o noivo ou o emprêgo, quantos sacrifícios, quantos pequenos dramas familiares não há na vida destas pobres raparigas! Mas tudo se suporta, menos descer à «vergonha» de ganhar o pão, de ter a tal sonhada independência por meio dum trabalho manual.

Não se pode calcular a soma de trabalho perdido, de utilidades não produzidas para a colectividade, representada por estas raparigas, vítimas, e a sociedade vítima também, do preconceito de classe, de categoria social, que se mantém a despeito de quantas prégações egualitárias se façam.

Slhi

Mas as outras, as que conseguem chegar ao fim do curso e se apresentam munidas do respectivo diploma?

Não se passou muito tempo, depois que se acentuou a afluência das mulheres para as profissões liberais, que não se fizessem ouvir as lamentações provenientes dos desenganos, das desilusões sofridas. Em França, o fenómeno tomou já aspectos de crise, e está preocupando sèriamente todos os que se interessam pelo problema do trabalho feminino. As desilusões sucedem-se com tôdas as suas conseqüências, ao mesmo tempo que a afluência continua.

Por um lado, as mulheres não desistem de ganhar a sua vida, independentemente do homem; e por outro, as dificuldades em se manterem pela profissão são cada vez maiores, mais graves ainda para elas do que para os homens, para quem já não eram nada pequenas. O problema há de ter uma solução, porque a crise há de agravar-se, e os seus efeitos hão de forçar a que se entre no verdadeiro caminho. A culpa dêste estado de coisas não a tem ninguém; mas é às mulheres que mais interessa e, por isso, mais compete saír da situação em que estão metidas.

Êste aspecto da questão foi muito bem tratado, num jornal francês, por uma senhora, que alia à qualidade de escritora, a de exercer a profissão de farmacêutica, uma das que mais parecem assegurar a existência em boas condições. Do artigo de

Slhj

M.elle Claude Dazil, transcrevo as passagens que seguem, porque eu não o saberia dizer melhor, e porque se trata dum testemunho insuspeito. É uma mulher que fala para mulheres, com perfeito conhecimento de causa:

« A-pesar dum recente decreto que acaba de facultar, à actividade feminina, a carreira diplomática, para a qual, de resto, ela está apta há muito tempo, parece que uma vaga de pessimismo está invadindo asperamente as mulheres que trabalham. Sabe-se que, ùltimamente, as advogadas se demitem umas após outras. O resultado das carreiras médicas continua muito incerto. A actividade das farmacêuticas limita-se, muitas vezes, a casar com um dos seus colegas, e as romancistas queixam-se de não ter acesso junto dos editores. Apenas o comércio e as sossegadas carreiras administrativas merecem uma menção honrosa. Mas a verdade, afinal de contas, é que a única conquista da mulher moderna, a que ela adquiriu mais sólida e definitivamente, é, sem contestação, até agora, a da máquina de escrever. Não é muito mau, mas não é o que se chama um resultado brilhante. »

« A vida da mulher (mesmo sem contar com as variações dos seus nervos) é bem mais complicada que a do homem. Pense-se na quantidade de coisas que o marido, os filhos e a casa exigem dela, e o espanto será grande. O exercício duma actividade tão diversa deu, necessàriamente, à mulher, uma energia e uma resistência incríveis. Pa-

Slhi

rece, por isso, que na luta surdamente travada com o homem, ela deve ser o adversário mais hábil e mais forte. É o que muitas vezes acontece em casos particulares, mas nunca no conjunto. E não podia deixar de ser assim, porque a noção de solidariedade é uma coisa perfeitamente estranha ao espírito feminino. O auxílio mútuo entre as mulheres é apenas uma palavra. No fundo, vai para o combate, à conquista de sua própria independência. E a maior parte das vezes, se ela se encontra frente a frente com um representante do outro sexo, em vez de o atraír para o seu campo, rende-se com armas e bagagens, e segue-o, prisioneira, com ares reconhecidos.»

«Quási tôdas as mulheres que empreenderam uma carreira difícil, concordam em que estão prontas a abandonar essa carreira, ao primeiro sinal do homem. Elas estão inclinadas sôbre o código, mas espreitam pelo canto do olho o marido que pode vir arrancá-las àquilo. Ora, não se podem servir, ao mesmo tempo, dois senhores. A mulher, por mais complexa que seja, não pode ser essa criatura mixta que vai ao escritório, ou ausculta doentes, ou estuda a defeza dum réu, preguntando, ao mesmo tempo a si própria, com ansiedade, se o jantar estará em ordem. A vida moderna tem necessidades muito imperiosas para dar lugar a êste duplo e incessante cuidado. E é às mulheres que compete, em vez de se queixarem, de gemerem e de acusarem os homens, pensar na escolha duma daquelas duas actividades.»

Slhi

Em Portugal, embora a afluência às carreiras liberais seja grande, ainda não atingiu o aspecto de crise que se nota em França. Mas é preciso não descurar a questão, para encontrar o remédio que o mal reclama. Escusado seria dizer que não sou, por princípio, contrário a que a mulher exerça qualquer profissão, por mais contrária que pareça ao costume estabelecido. O facto é-me indiferente em si. O que interessa para o problema do feminismo é a atitude que as feministas tomam em face dêle, porque essa atitude pode marcar uma orientação útil ou nociva.

Parece-me que o regosijo manifestado pelas feministas, sempre que se produz o que se chama uma conquista de regalias ou direitos para a mulher, é apenas, na maior parte dos casos, a manifestação duma ilusão. Em vez de regosijo e de incitamento à obtenção de tais regalias, seria bem mais interessante, creio, o trabalho pela obtenção de muitas outras coisas mais úteis para as mulheres e para todos, como elementos mais prováveis de felicidade comum.

Slhi

TRABALHO ÚTIL PARA AS FEMINISTAS

É possível que seja muito interessante ver as mulheres lançarem-se audaciosamente nos misteres mais contrários, ou que tal pareçam, ao seu sexo. Compreende-se que um grande número de mulheres se encham de entusiásmo pelas proezas das automobilistas, das aviadoras, nadadoras e alpinistas, ou que sintam grandes desejos de imitar as engenheiras, as advogadas, as jornalistas e as deputadas. Mas tudo isso, por mais interessante que seja, ou por mais barulho que faça, não resolve o problema actual da mulher: conciliar o trabalho fora de casa com o trabalho doméstico.

Em primeiro lugar, as feministas teem que desfazer por completo uma confusão, que é a origem do êrro que cometem, dando uma atenção de preferência aos direitos políticos e profissionais. Essa confusão é a seguinte: Julga-se, e por isso se prega, que existe perfeita harmonia e grande melhoria das condições actuais, entre a actividade política e profissional da mulher e a sua actividade doméstica e de mãe de família.

Slhi

A experiência de muitos anos tem sempre demonstrado o contrário, e a experiência de após-guerra não tem feito mais do que confirmar dolorosamente o que anteriormente sucedia. As excepções, que em tudo existem, nada provam. A regra é a do aparecimento do desequílibrio, da desharmonia, do conflito entre as duas funções. E de duas uma: ou as feministas entendem que a constituïção e a vida da família teem de mudar por completo, e nêsse caso tem de mudar a prègação até agora feita, ou entendem que a mulher deve continuar a ser a dirigente da casa e a educadora dos seus filhos, e, nêsse caso, teem de fixar a sua propaganda e tudo o mais da sua actividade feminista, para que as funções domésticas se possam exercer com o máximo proveito para a comunidade.

Claude Dazil, cuja opinião o leitor conhece do artigo anterior, tem bem razão quando diz: «A mulher, por mais complexa que seja, não pode ser essa creatura mixta que vai ao escritório, consulta doentes ou estuda a defeza dum réu, preguntando ao mesmo tempo a si própria, com ansiedade, se o jantar estará em ordem».

Se assim é, o problema fica claramente posto, e o que as feministas teem a fazer aparece como uma consequência natural, lógica, e, o que é mais, agradável para a índole da mulher e sobretudo, da mulher portuguesa, a qual, diga-se o que se disser, está ainda muito longe — e nisso não há

Slhi

mal algum — de atingir a existência movimentada de outras mulheres europeias.

Nem tôdas as mulheres se casam. Êste facto é a origem duma primeira divisão de funções na sociedade. Mas, se muitas mulheres não teem um lar próprio a manter e filhos a educar, pouquíssimas, se algumas há, teem a certeza, quando novas, que assim há de ser. Poucas há, se há, que não esperem casar-se, sendo o celibato sempre uma resignação, quási sempre amarga, como é natural.

Desta segunda verificação conclui-se que a educação tem de ser a mesma nas suas linhas gerais, visto ignorar-se quais são as mulheres que se casam e as que ficam solteiras. A educação da mulher deve ser, portanto, desde o início, orientada para que ela possa exercer, com proveito, uma das duas actividades: a doméstica ou a profissional fora de casa. O destino é que lhe dará a supremacia duma delas, podendo — é o caso mais provável — conhecer ambas, mas não ao mesmo tempo.

Não ao mesmo tempo, é o ideal social que, nêste caso particular, deve orientar as feministas.

A educação da mulher divide-se, portanto, em duas partes: tudo o que ela deve aprender para bem exercer uma actividade doméstica, e o que ela deve aprender para a sua actividade profissional. Não é do carácter dêste pequeno trabalho tratar do que deve aprender uma menina para ser uma per-

Slhi

feita dona de casa. De resto, isso está feito, sendo apenas uma questão de aplicação inteligente na educação que se ministra na casa ou na escola.

As feministas teem dois problemas principais a tratar: o das profissões que nais conveem à mulher quando esta não tem a obrigação do trabalho doméstico, e o do conflito entre as duas formas de trabalho.

Um dos argumentos feministas, é que os trabalhos domésticos absorvem demasiado tempo, contribuindo, pela sua natureza, para a estagnação mental da mulher. Há nesta maneira de ver duas ilusões. Uma, é supor-se que as profissões liberais são menos absorventes que a doméstica, e que constituem sempre um elemento de progresso intelectual; a outra, é considerar o trabalho doméstico como se êle só pudesse ser feito em condições de rudeza, monotonia, sujidade, não se vendo que êle se presta, mais do que outras profissões, ao desenvolvimento mental da mulher.

Quanto às profissões, é preciso que as feministas, na sua propaganda, se esforcem por dignificar o trabalho manual, tanto do homem como da mulher, pugnando por que êle se torne melhor remunerado e mais inteligentemente executado. É preciso que as mulheres não sejam tão atraídas, como

Slhj

são actualmente, para as profissões liberais, fontes de desilusões e sofrimentos. Êste aspecto da questão prende-se com o problema da instrução para todos, com a vitória da *Escola Única*. Nêste particular, deve dizer-se que algumas feministas portuguesas teem trabalhado com boa orientação, vendo com inteligência que o combate pela instrução geral é o mais importante a travar para a verdadeira emancipação da mulher.

Teem, depois, que fazer a propaganda em favor das profissões mais próprias à natureza da mulher, deixando as outras em segundo plano.

A satisfação com que se faz notar o facto de haver senhoras advogadas, notárias, camaristas, etc., preferiria eu vê-la com o aparecimento, por exemplo, de boas enfermeiras, que tanta falta fazem. As feministas fariam muito bom trabalho se conseguissem que se preparassem enfermeiras duma tal forma, que as tivessemos tão boas como as tem a Inglaterra e outros países.

O jardim, a horta, o pomar constituem um magnifico campo de acção para a actividade da mulher. Porque não fazem as feministas a propaganda para a organização do respectivo ensino e colocação das profissionais?

As artes do adôrno, nas suas diversas aplicações, são variadíssimas, e encontrariam na mulher uma cultura apropriada e uma profissional bem paga. Não falo, claro está, dessas várias *pirogravuras* que as meninas baptizam com o nome de

Slhj

arte aplicada, e que servem para fingir que as ditas meninas não vivem ociosas.

Outras ocupações profissionais, o estudo da questão iria mostrando como úteis para a mulher, o que daria lugar ao interessante trabalho de se conseguir a reorganização do ensino respectivo em boas bases, que são aquelas donde resulta a capacidade de trabalhar eficazmente para si e para os outros.

São as feministas capazes de resolver o problema do trabalho doméstico e do profissional, pela conciliação entre os dois? Não são. Qual é então a atitude a tomar, que se deve fazer, em face da incompatibilidade entre os dois trabalhos?

Se se quere que a mulher governe a sua casa, crie e eduque os filhos, e tenha uma existência digna de pessoa civilizada, só há um caminho a seguir: *trabalhar, por tôdas as formas, para que o ganho do homem seja suficiente para o sustento decente, desafogado, da família; e trabalhar para que os serviços domésticos possam ser feitos com menos esfôrço, menos tempo e mais limpeza.*

Êstes dois trabalhos são de natureza caracterizadamente económico-social. E as feministas, abordando-os, não podem deixar de tomar posição dentro duma orientação social, aquela que, ao seu espírito, se mostra mais apta a produzir o resultado que se pretende alcançar. Certamente que não é indispensável proclamar grandes princípios

Slhi

revolucionários, para se contribuir para a obtenção do salário ou do ordenado suficiente para o chefe de família. Basta adoptar, como princípio, a opinião, que êle pôs em prática nas suas fábricas, emitida pelo célebre industrial Henrique Ford, e que se pode resumir assim:

« Todo o homem, em condições normais, pode, e portanto deve ganhar o suficiente para viver, com a sua família, decentemente. » A não se ser um inválido, um doente, aquilo é verdade. O ponto está em se achar, para cada um, o género de trabalho em que êle produza mais e melhor. Esta questão prende-se com o problema da educação e orientação profissional, que, por si só, não a pode resolver, pois é complexa de mais para isso. Mas êste objectivo oferece já um grande campo de acção, onde todos cabem, seja qual fôr a sua orientação política e social. As feministas que, porventura, tenham uma ideologia de carácter socialista, levam mais longe a sua acção, pugnando pelas reivindicações económicas que o socialismo préga, sem deixarem, por isso, de combater ao lado das outras, das que se limitam às reivindicações a obter dentro da sociedade capitalista.

É verdade que as necessidades da vida moderna são imperiosas, e obrigam a maneiras de viver que, não só para o trabalho, mas até para a sua alimentação e para as distrações, põem a mulher quási

Slhi

todo o dia fora de casa. A vida de família — o que ainda se entende correntemente por esta expressão — tende a desaparecer, e desaparecerá em pouco tempo, se uma grande alteração na vida económica se não produzir. É isso um bem, um mal?

Pertenço ao número dos que vêem nisso um mal, embora me arrisque a ser considerado um conservador, um atrazado, ou coisa pior, por certos entusiástas do progresso que, para êles, se realiza, desde que se acaba com o que existe, e seja o que fôr que o substitue, ainda não experimentado.

Por emquanto, não sou capaz de ver em que é preferível que a mulher, passando fora de casa as horas empregadas na profissão, não tendo tempo nem paciência para ir a casa comer, com os seus, o almôço e o jantar, vá com ou sem o marido-com ou sem os filhos, comer ao restaurante. Depois, achando a casa uma coisa triste, como é natural com uma vida assim, prefere ir com a família, ou sem ela, para o divertimento público, cinema, dansing, etc., como distracção quotidiana, não compreendendo que se possa entreter ou divertir também em casa. É assim que as coisas se estão passando nos principais países da Europa, naquêles que mais atracção e mais influência exercem.

Que podem ganhar a mulher, o marido e os filhos com semelhante existência familiar? Nunca obtive resposta satisfatória a esta pregunta. Vejo porém que todos teriam a ganhar, desde que se

Slhi

conseguisse, dum modo geral, despejado o saco das excepções, que:

1.º — O ganho do marido fôsse suficiente para a vida da família.

2.º — Os serviços demésticos fossem reduzidos e melhorados para se poder dispensar a creada — que deve desaparecer, e tende para isso — o que se consegue com o fornecimento, muito barato, da energia eléctrica. Faz mais, para a emancipação da mulher, conseguir-se a electricidade barata, do que a multiplicação de advogadas, engenheiras, deputadas, etc., por mais talentosas que sejam.

3.º — A instrução ficasse ao alcance de todos, e a mulher capaz, por isso mesmo, de governar a sua casa, criar e educar os filhos com mais saber, e com a consciência de que o seu trabalho é o mais útil, o mais nobre e o mais interessante para a sua mentalidade. Assim desapareceria a noção de que o trabalho doméstico é tarefa de ordem inferior, boa para criadas ou para donas de casa sem horizontes largos, de nada sabendo ou querendo saber, além do cosinhado e da roupa a dar à lavadeira.

E a proposito: nos serviços domésticos, acentuou-se, depois da guerra, como em tantas outras coisas, uma crise que está tomando, dia a dia, uma fase mais aguda, e que não tem contribuido pouco para a mudança observada na vida familiar: é a crise das criadas de servir. Esta questão merece uma atenção especial.

Slhi

AS CRIADAS DE SERVIR

Sempre o tema, *as criadas*, foi de obrigação nas conversas entre donas de casa, em que são da praxe as lamentações sôbre o pouco que elas fazem, o muito que estragam, os ganhos que teem e os abusos que cometem. Mas nunca, como actualmente, as lamentações se fizeram ouvir. Com razão? Sem razão? Dantes era quási sempre sem razão. Actualmente justificam-se mais as queixas, ainda que no nosso país as coisas estejam muito longe do que noutros países se passa.

As donas de casa estão, em face desta questão, como em face da carestia da vida e da imoralidade: queixam-se onde lhes doi, e nada mais podem fazer.

O que se pode chamar a crise das criadas de servir, há-de agravar-se cada vez mais, até completa resolução, que começa a aparecer nos países onde a crise dura há muito mais tempo e teem a vida muito mais industrializada. Estamos, como para tudo, na fase de transição, em que se estão perdendo ràpidamente as vantagens do passado, e ainda não apareceram as que hão-de substituí-las

Slhi

Esta questão das criadas de servir é muito importante. Seria interessante e muito útil que as feministas a estudassem, porque é mais uma das dificuldades com que teem de contar, e na qual, talvez, muitas delas nem tenham pensado.

Qual é a origem principal das lamentações das donas de casa? Não é o que as criadas ganham, porque elas ganham, relativamente, o mesmo que ganhavam. Não é a qualidade dos serviços que prestam, porque isso depende de qualidades pessoais que continuam sendo as mesmas. Embora de tudo isto se queixem, o que, de facto, mais as impressiona e o que menos toleram, são as regalias que as criadas entendem possuir: melhor alimentação e alojamento, mais consideração, mais liberdade, mais diversões, vida menos rude sob todos os aspectos.

As queixas provêem, por um lado, da falta de hábito das patroas, que se sentem desnorteadas com os abalos que está sofrendo a distinção das classes; por outro, dos abusos que se cometem. As criadas de servir foram atingidas, como tôda a espécie de trabalhadores, pelo sentimento de liberdade, de independência, de igualdade, de amor próprio, e pelo desejo de melhorar a vida, de gosar, o mais possível, o que ela tem de bom. Resignam-se com mais dificuldade que antes à condição social deprimente que implica, de facto, o

Slhi

seu mistér, porque, cada vez, sentem mais e melhor percebem o que nessa condição há de desagradável. Simplesmente, aquele sentimento intensificou-se quási de repente, sem ter sido acompanhado da preparação que teria havido se o fenómeno se tivesse produzido normalmente, isto é, lentamente, por *étapes*.

Dêste facto resultam os inconvenientes que se notam sempre que se pretendem e se possuem regalias, sem a preparação necessária para bem usar delas: verem-se apenas os direitos, desprezarem-se os deveres, não haver respeito pelo que se contrata, numa constante mistura de revolta e de submissão, o que origina a desordem nas casas, pela instabilidade da presença das criadas.

Como as donas de casa não percebem isto, reagem às cegas, o que só agrava a situação de todos. Esta situação piora com a escassez, cada vez maior, de serviçais.

A mulher nova foge, cada vez mais, a ser criada de servir, a despeito de tôdas as vantagens que lhe possam oferecer. Êste facto é perturbador num país como o nosso, em que o ter criada ou criadas é considerado como a coisa mais comesinha, como uma necessidade, e sobretudo como afirmação indispensável de categoria social. Há gente de poucos meios, cujo serviço doméstico se fazia perfeitamente sem criada; mas prefere a despesa e mais inconvenientes da criada, com a necessidade de reduzir o seu bem-estar, só para que

Slhi

a família se não deslustre aos olhos de visinhos e conhecimentos. O que, por exemplo, nos Estados Unidos ou na Inglaterra, é considerado um luxo, maior luxo do que ter automóvel, é considerado no nosso país, e noutros da mesma evolução social, como uma necessidade quási imprescindível.

O mal-estar desta grave crise há de continuar e aumentar, até que se vão introduzindo modificações na vida doméstica, que permitam dispensar a criada. É assim que se inventaram, e se vão generalizando, um sem-número de aparelhos de *ménage* de tôda a espécie, que tornam o serviço doméstico muito mais agradável, fazendo-se as mesmas coisas, com um dispêndio muito menor de esfôrço e de tempo. Por outro lado, instituem-se empresas com pessoal adestrado, que se encarregam de esfregar, lavar, limpar, etc., muito melhor e com mais regularidade do que o faz a criada. Êsses serviços passam a ser feitos nas mesmas condições em que se pintam portas, se concerta mobilia, etc.

A questão das criadas de servir constitue também um problema de educação. Estas serviçais recrutam-se, geralmente, em dois campos: a grande maioria delas é constituida por humildes raparigas da cidade ou da aldeia, sem preparação alguma, cuja aprendizagem é feita nas casas onde servem; a minoria, que é fornecida pelos asilos e estabele-

Slhi

cimentos análogos. Ora, é principalmente com estas últimas que a questão toma um aspecto educativo.

Em vista da crise das criadas, tem-se pensado em intensificar e metodizar, nos asilos e noutros lugares onde isso se pudesse fazer, a educação ou preparação de raparigas para serviços domésticos. O fim em vista era remediar, em parte, dois inconvenientes: um, o de diminuir o mais possivel o contingente de raparigas que, saídas daquelas casas de educação, onde foram instruídas e educadas, a tudo se resignam menos a serem criadas, o que é causa do desvio deshonesto de muitas. O outro, fornecer um número apreciável de serviçais bem preparadas, melhorando assim as condições dos serviços domésticos nas casas de família. Tendo há tempos sido chamado a dar a minha opinião neste assunto, escrevi o que se segue — que por vários motivos não foi discutido — que creio traduzir a verdade da situação, como creio úteis as soluções que indico, à falta de melhor.

« Não temos que lutar contra a relutância manifestada pelas educandas dos asilos, pelo mistér de criada de servir, como a-final de contas não temos que nos lamentar por êsse facto. Trata-se dum efeito geral e que tem naturalmente os inconvenientes próprios das épocas de tranzição na vida social, produzidas por um fenómeno progressivo.

BIBLIOTECA

É pois perder tempo pretender que as educandas se convençam de que devem ser *criadas de servir.* Desde que umas não são destinadas a criadas, porque o hão-de ser outras? Não há razão que justifique, aos olhos delas, a distinção estabelecida, ainda que elas pudessem compreender que as suas capacidades as indicavam para aquele mistér, com vantagem para a sua vida. Superior a tudo isso, com uma fôrça de resistência invencível, há a idea enraizada da inferioridade social da profissão, a que tôdas fogem e principalmente tratando-se de raparigas que foram iguais das outras até uma dada altura da vida. A relutância não é tanto pelos trabalhos que executam como criadas, pois que, êsses mesmos trabalhos e até por vezes mais rudemente, os executam na sua própria casa ou em casa dos pais.

A relutância está quási tôda na categoria social e principalmente na designação. O que elas não querem ser é *criadas de servir*, porque sentem bem que se trata duma condição *servil.*

Ora o problema é êste:

Devemos insistir em formar das educandas criadas de servir quando todos nós, por mais provas demonstrativas que aparecessem indicadoras dessa profissão, a não quereriamos para as nossas filhas?

Mas a necessidade dos trabalhos próprios do que se chama uma criada de servir existe e alguém os há-de fazer; por outro lado, como nem

Slhi

tôdas as educandas são igualmente aptas, há as que, sendo inúteis em profissões que a sua pequena vaidade lhes indicava, poderiam ser boas profissionais daquele género de trabalhos. Nestas condições, que se deve fazer?

Temos necessàriamente que recorrer a iludir honestamente as educandas, contribuindo, ao mesmo tempo, para o progresso social, que não podemos nem devemos ignorar.

Para isso deveria elaborar-se uma lista de profissões contendo atrativos suficientes para vencer a relutância em questão. Assim, em vez de se dizer simplesmente que as educandas serão ou devem ser criadas de servir, começa-se por nunca empregar tais termos, de modo que as educandas sintam bem que no seu asilo nenhuma será criada de servir. É como se êste modo de vida não existísse para elas. Sabendo elas isto, vêem que tudo que se lhes ensinar não terá as características da inferioridade que lhes repugna; que, sejam quais fôrem os trabalhos que fizerem, em determinada profissão, êsses trabalhos não as inferiorizam socialmente, pois a categoria social proveniente da designação profissional que tiverem as não iguala com as criadas.

Nestas condições, elas podem ser criadas na realidade em tôda a parte, excepto nas casas particulares. Esta espécie de serviçais é que terá de se abolir, porque nessas casas o disfarce, a começar pela designação, não é possível. Mas já assim

Slhi

não acontece, por ex. com: as criadas de clínicas e policlínicas, de hospitais e casas de saúde, de escolas, colégios, etc. Para todos êstes casos, haveria uma designação que afastaria o mais possível a idea de criada de servir. Ao mesmo tempo haveria uma série de habilitações que seriam indispensáveis para determinado lugar, dando-lhes, a essas habilitações, um papel de importância durante a educação, de modo a fazer transitar essa importância, do espírito das educandas, para a respectiva profissão. Êsses lugares teriam, tanto quanto possível, postos de acesso reais ou honoríficos, o que lhes aumentaria o valor aos olhos das educandas.

Assim, para exemplificar:

Se, pelo regulamento dos hospitais, uma criada pode, estudando e aplicando-se, passar a enfermeira, ¿que necessidade há que essas serviçais se chamem criadas? Nestas condições, suponhamos uma educanda que não poderia ou parecia não poder ser senão uma criada. Ela estudaria as coisas de ordem geral que tôdas devem aprender e tiraria depois o seu curso preparatório para, chamemos-lhe assim, «auxiliar de enfermeira»; depois, se pudesse, passaria, por exemplo, a «enfermeira auxiliar», e por fim poderia chegar a enfermeira. É esta ascenção profissional futura que ela teria sempre no espírito, durante a preparação, podendo acontecer que nunca passasse do primeiro grau, (na realidade criada de servir) ou que pu-

Slhi

desse melhorar de categoria, o que seria tanto melhor para ela. O que acabo de dizer com relação aos hospitais pode aplicar-se a muitos outros casos. Por isso, repito: estou convencido de que, com um disfarce honesto e inteligente, se conseguiria que um grande número de educandas se fizessem, sem grande dificuldade, criadas de servir... sem darem por isso.»

«Em vista das condições económicas e outras, das raparigas educadas em asilos, creio que estas deveriam esforçar-se por se especializarem na formação das pseudo-criadas ou *empregadas* em vários serviços. Com uma boa especialização, os asilos tornar-se-iam escolas profissionais tipos, onde, quem necessitasse, sabia que encontraria a criada que desejava, e que actualmente muito se procura e não existe: uma pessoa capaz de serviços domésticos, sem a boçalidade e outros defeitos da vulgar criada e sem o ar pretencioso e conseqüentes defeitos no trabalho, como acontece com tantas serviçais, com uns laivos de instrução.

Haverá vantagem em ministrar o ensino de cozinha? Conforme.

Claro, que é preciso que haja um ensino *prático* de cozinha, que tôda a mulher deve ter. Mas resta saber se se pode ministrar nos asilos ou fora dêles um curso de cozinha para profissionais. Tem que se atender a que a cozinheira profissional só

Slhi

tem lugar, em regra, nas casas particulares e não em tôdas, empregando os grandes estabelecimentos cozinheiros. Como cozinheiras de casas particulares é quási impossível conseguir-se um bom resultado, pela resistência que lhe opõem certamente as educandas, porque essa profissão, exercida nessas condições, está para elas dentro da classificação de criadas de servir.

É preciso ver se é possível formar cozinheiras de grandes ou pequenos estabelecimentos, que não sejam casas particulares ou pensões de família. Êste aprendizado deveria ser feito num curso, com habilitações teóricas e práticas, o qual serviria também para os rapazes com o mesmo fim.

Desenvolvendo a idea, podia-se chegar à constituïção dum curso de serviços domésticos para ambos os sexos. Êste curso poderia formar cozinheiros, confeiteiros ou doceiros, empregados hoteleiros, auxiliares de enfermeiros, empregados de policlínicas, consultórios de tôda a espécie, colégios, escolas, paquetes, etc.»

A-pesar da crise das criadas se não apresentar entre nós, por enquanto, com a mesma agudeza que manifesta noutros países, é conveniente que se procure remediá-la porque o seu agravamento é constante. Com esta crise está intimamente ligada a necessidade de se organizar um ensino de serviços domésticos. Êste ensino, generalizado em

Slhi

todo o país, deve vizar à formação de donas de casas competentes, de harmonia com as necessidades da vida moderna, assim como à formação de profissionais dêsses serviços, que trabalham por conta de outrem. Parece caír-se assim na formação de criadas de servir, que condenei. Mas o caso é muito diferente.

Tudo muda de figura, desde que o serviço doméstico, por conta alheia, não tenha, como tem actualmente, o stigma dum trabalho servil.

Para isso, êsses serviços precisam de ser efectuados por indivíduos que os exercem com a mesma mentalidade com que um médico, uma professora, uma enfermeira, etc., executam o seu trabalho. Conseguindo-se isto, como noutros países se tem conseguido, pode considerar-se resolvida a crise das criadas de servir.

CONTRA A GUERRA

De tôdas as propagandas a que as feministas se podem entregar para bem da mulher, nenhuma há mais digna dos seus esforços, e mais útil, do que a propaganda contra a guerra. É certo que as feministas portuguesas são pacifistas, e mais de uma vez, para honra sua, o teem proclamado, advogando com eloqüência e sinceridade, a causa da paz. Mas se essa atitude é das mais nobres, os seus resultados não lhe correspondem; é que é inútil falar de paz, em reüniões, conferências ou congressos, se mais nada se fizer...

Se as feministas querem contribuír eficazmente para a vitória do pacifismo, teem de fazer mais alguma coisa do que votos pela paz, por mais eloqúentes que êstes sejam.

Não há ninguém que não diga sentir um grande horror pela guerra, mesmo os mais indiferentes, os mais imperialistas e os que com ela mais lucram.

Todavia, nunca a causa da paz ganhou fôsse o que fôsse com êsses horrores, porque a paz depende de mais alguma coisa do que de frases mais ou menos conscientes e sentidas.

Slhi

A paz depende principalmente de três condições: entendimento económico entre as nações; melhoria, nas condições da vida, dum número, cada vez maior, de indivíduos; consciência, cada vez mais forte e generalizada, de tudo o que a guerra tem de inútil e de atroz. Das três, esta última é a mais fraca, mas tem o seu valor; e em determinadas condições, pode produzir resultados apreciáveis. É nêste campo que a acção das feministas podia e devia ser exercida com mais proveito.

Se as mulheres quizessem! Se as mulheres: mães, esposas, irmãs, noivas, puzessem ao serviço da causa da paz, a influência de que dispõem, que enorme passo para a terminação das guerras, para a solução dos conflitos ser feita sem o recurso à violência das armas. Mas não querem... A imensa maioria delas é indiferente à questão da paz ou da guerra, só lhe sentindo o horror quando ela lhes bate à porta, para lhes levar o filho, o mau marido, o irmão ou o noivo... E nem sempre!

O horror da guerra? Mas quantas são as mulheres para quem a vida militar anda ligada à idea de guerra, isto é, da morte, do massacre, da destruição? E as simpatisantes, as que são seduzidas pelo prestígio da farda, pelas regalias de tôda a espécie que, aos seus olhos, a carreira militar com-

Slhj

porta? Para essas, a guerra é uma coisa longínqua, muito vaga, improvável, em que não vale a pena pensar. E as outras, as que são pela guerra, sem se importarem com vida militar ou civil, porque se importam apenas com os lucros que a guerra proporciona? Má, a guerra, para elas? Pois se o marido, o pai ou o filho se enriquecerem, dando-lhes uma existência de confôrto ou de luxo à custa, precisamente, da vida e da saude dos que para o massacre foram transportados, vestidos, alimentados, armados pelos honrados homens de negócio que tudo fornecem ou que, da rarefacção, se aproveitam para o lucro de centenas por cento, à custa, por sua vez, dos que não teem a honra ou a sorte de vender géneros? Para essas, a guerra não é indiferente, nem coisa vaga e improvável; é uma realidade magnífica que só tem um contra: acabar. *Infelizmente não há bem que sempre dure...*

Que grande campo de acção para as feministas, para as facifistas! É junto da imensa maioria das mulheres que a minoria pacifista deveria exercer uma propaganda *constante, intensa e bem organizada.* Trabalho dificil e de resultados visíveis muito demorados, porque se trata de mudar sentimentos e mentalidades, mas trabalho nobre, útil e dos mais merecedores de auxílio.

Para uma boa propaganda pacifista, as femi-

Slhi

nistas que mais predilecção sentem pela causa da paz e por todos os problemas que com ela se ligam, poderiam agrupar-se e especializar-se nesta forma de actividade, sem, com isso, deixarem de se interessar e de colaborar noutros trabalhos.

Suponhamos que se formava um grupo de mulheres que, diga-se de passagem, deveria ser pouco numeroso, para se dedicarem à propaganda pacifista. A primeira coisa a fazer seria estudar e decidir qual o meio onde deveriam actuar. Resultaria que seria junto das mulheres em geral, e especialmente junto das mães e professoras primárias que a sua propaganda se deveria fazer. Esta variava conforme a espécie de mulheres a que se dirigissem, (o que serve para umas, não serve necessàriamente para outras) conforme a ocasião, devendo a propaganda revestir formas variadas: a conferência, o romance, a poesia, o conto, a gravura, a narrativa de factos importantes, etc. Duma maneira geral, deviam empregar muito mais a descrição para actuar no sentimento, do que o raciocínio e a demonstração.

É muito mais importante e eficaz para o efeito que se deseja obter na propaganda pacifista, o que se diz dos horrores da guerra, do que o que se diz das belezas da paz. O lirismo pacifista é quási inútil, devendo apenas ser empregado como remate agradável da verdadeira propaganda. Também de nada serve a prosa anti-guerreira, por mais valiosa que seja, empregada como, para nos ser-

Slhi

virmos dum exemplo clássico, a do P.e António Vieira:

«É a guerra aquele monstro que se sustenta das fazendas, do sangue, das vidas, e quanto mais come e consome, menos se farta. É a guerra aquela tempestade terrestre que leva os campos, as casas, as vilas, os castelos, as cidades e talvez em um momento, sorve os reinos e monarquias inteiras. É a guerra aquela calamidade composta de tôdas as calamidades em que não há mal algum que, ou se não padeça ou se não tema, nem bem que seja próprio e seguro. O pai não tem seguro os filhos, o rico não tem segura a fazenda, o pobre não tem seguro o seu suor, o nobre não tem segura a sua honra, o eclesiástico não tem segura a sua cela e até Deus, nos templos e nos sacrários, não está seguro.»

Esta e outras prosas semelhantes terão todo o valor literário que se quizer, mas não produzem efeito algum em quem as lê. Isto não impressiona, não comove, é frio, é abstracto, é puro verbalismo. O que vale é a descrição simples dos factos em tôda a sua crueza: é a descrição do hospital de sangue da batalha de Sedan, na *Débacle* de Zola; é a vida das trincheiras descrita em *Le Feu* de Barbusse ou em *Les Croix de Bois* de Dorgelès.

Slhi

Há um proveitoso trabalho a fazer no que respeita aos brinquedos, tanto junto das mães, como dos respectivos fabricantes. Junto das mães, para que não comprem e não deixem oferecer aos filhos, brinquedos *guerreiros*, e junto dos fabricantes, para que os substituam por outros. Isto tem-se feito em vários paises e com resultados apreciáveis.

Outro trabalho interessante e muito necessário, e que também se está a realizar em vários paises da Europa: o da revisão de livros de leitura e de manuais de história, de maneira a evitar, nesses compêndios, a atracção da criança para tudo o que é a guerra e a sua glorificação, o ódio ao estrangeiro, o patriotismo agressivo e exclusivo, etc.

Outro aspecto da propaganda a acentuar, e que é muito importante, é o que respeita ao lado económico da guerra, mostrando que os militares são tão vítimas dela como os civis, e quem com ela aproveita são os financeiros, certos industriais e comerciantes, os quais, por isso, são muito mais militaristas que a maior parte dos militares. Devem indicar-se inteligentemente as somas fabulosas que a guerra devora, e o bem que se obteria com êsse dinheiro aplicado às obras de paz: a higiene, a instrução, os transportes fáceis, o fomento agrícola, etc. Para esta propaganda servem admiràvelmente, porque são os elementos mais impressionantes e mais fáceis de manejar, os números, os gráficos e as gravuras.

Slhj

Tanta coisa a fazer! ¿Porque não se havia de organizar, entre as feministas, um grupo de pacifistas, dedicadas à propaganda contra a guerra? Talvez nenhum outro grupo se formasse que mais auxílios obtivesse e melhores resultados produzisse.

A PROPAGANDA FEMINISTA

Os conservadores, quando, para variarem na sua oposição ao feminismo, deixam a *blague* e falam a sério, dizem que as mulheres, adquirindo os direitos civís e políticos que reclamam, em nada aumentariam a sua influência. Esta influência é, para êsses conservadores, a exercida sôbre os homens, por ser a que êles julgam mais lisongeira para a vaidade feminina. Falam então de influência exercida por mulheres da côrte, das letras e das artes, mostrando que elas disfrutam dum verdadeiro poder; e acrescentam que, embora em menor escala, tôdas as mulheres podem fazer o mesmo, dentro do seu campo de acção. Para isso basta disporem hábilmente dos seus atributos: a graça, a beleza, a ternura, o bom senso, a intuïção da psícologia masculina e outras a que os homens fàcilmente se rendem.

Deslocam desta maneira a questão para o terreno que lhes convém, afastando-a do campo social onde ela reclama, para ser resolvida, modificações que vão contra os privilégios de que os homens gosam.

Slhi

A emancipação que o feminismo prega, e pretende alcançar, nada tem com a tal influência, espécie de poder oculto, para o qual, muito mais que a ternura, a dedicação ou o bom senso, se tem de empregar a manha, a sedução, o talento da intriga, e outros predicados muito interessantes, mas cujos efeitos os tais conservadores são os primeiros a dispensar.

O que o feminismo reclama é uma liberdade de acção na vida, que permita à mulher não ter necessidade de pôr em jôgo os tais talentos e habilidades das cortezãs de tôda a espécie, porque não pretende dominar nem na sombra nem às claras. Lutam por mais liberdade de acção, para haver na família menos poder oculto da mulher e menos poder patente do homem, donde resultará, por imperiosa necessidade da vida, menos músculo dum lado e menos manha do outro, mas mais franqueza, mais harmonia verdadeira.

A emancipação pregada pelos Novieow, Naquet e outros teóricos, dizia, principalmente, respeito à libertação do jugo do marido e do código. Era uma aspiração que não se podia realizar pela boa vontade dos legisladores, ainda que essa boa vontade existisse. Essa emancipação tão prègada e desejada pelos «avançados» dos dois sexos, só é possível talvez, como conseqüência duma profunda modificação na vida económica. Não são as prégações que a fazem avançar um passo no caminho das realidades. Os próprios

Slhi

prégadores e defensores da emancipação comportam-se na vida em contrário da sua doutrina, porque não podem fazer outra coisa. A vida tem sempre mais fôrça do que as teorias.

A entravar, a dificultar aquela emancipação, há tudo o que se contém na vida de cada um: crenças, preconceitos, hábitos, afeições, tradição, educação recebida, etc. Tudo isso é que constitue o maior obstáculo à propagação das doutrinas e à prática delas pelos seus próprios partidários e propagandistas.

Dá-se com a emancipação da mulher o que se dá com tudo que é doutrina, teoria, demonstração: erra-se profundamente, e criam-se amargas desilusões, atribuindo à razão uma fôrça que ela está longe de ter. Julga-se que, por se compreender e aceitar uma doutrina, se deve lògicamente poder pô-la em prática. Não se conta com o sentimento, com o inconsciente e o sub-consciente — que é quem comanda nestas coisas — e com a formidável resistência que oferece o meio social em que se vive.

Êste último é que actua fortemente para a não aceitação de práticas que contrariam hábitos, ideias e crenças. Basta ver o que se passa sempre por exemplo, com a moda do vestuário. A moda impõe-se, quer vá de encontro ao gôsto, quer contrarie ou ofenda ideias de moralidade. A fôrça de imposição da moda é dos fenómenos que melhor nos mostram que, para a propaganda duma

Slhi

ideia, a doutrina que apela para a razão, nada é em face da sugestão que apela para o sentimento, pondo em jôgo o espírito de imitação.

É assim que as mulheres mais conservadoras, mais apegadas à moralidade dos seus costumes seguem o exemplo da minoria, das mais ousadas, e adoptam vestuários e géneros de vida que pouco antes teriam repelido com indignação. Assim se explica o grande desiquilíbrio que, em geral, se nota na vida da mulher, em que há certas emancipações que ofendem fortemente a moralidade e os costumes tradicionais, e ao mesmo tempo se mantém preconceitos, superstições etc., próprias dum grande acanhamento mental. Um exemplo, que é uma demonstração fácil de verificar: por influência da recrudescência de místicismo e de política ultramontana, tornou-se moda, tornou-se chic, exteriorizarem-se, mais fortemente, os sentimentos religiosos. Todavia, êsses sentimentos não teem fôrça para levar à obediência aos papas e aos bispos, quando êstes condenam as modas actuais. Ajoelharem-se nas igrejas o mais elegantemente possível, benzerem-se à vista dos templos, subscreverem para coisas eclesiásticas, está bem, obedece-se. Mas podem os bispos todos cobrir de anátemas os cabelos à «garçonne», as saias pelo joelho, o «baton de rouge» e a cigarrilha, que o mesmo é que prégarem no deserto. Quando estas modas chics desaparecerem, é porque apareceram outros chiquismos que as substituiram, e

Slhj

de modo nenhum, pelos conselhos e censuras dos prelados, a quem, reverentemente, se beija a mão.

Querem as feministas obter bons resultados para a propaganda a que se entregam? Façam o menor uso possível do apêlo à razão, à demonstração doutrinária. Sugestionem, ponham em jôgo os sentimentos, tirem partido dos preconceitos, dos hábitos e do espírito de imitação daquelas a quem se dirigem. Não querendo ou não sabendo fazê-lo, podem prégar à sua vontade, que os resultados hão-de ser análogos ao da pregação da Igreja contra as modas imorais.

As feministas portuguesas faziam trabalho excelente se dividissem metòdicamente a sua actividade. As predilecções e as aptidões divergem; se tôdas se ocuparem de tudo, à medida que cada problema aparece, produzem uma obra confusa, de coisas amalgamadas, donde nada resulta de proveitoso. Devem especializar-se, fazendo cada uma aquilo para que mais aptidão tem, que melhor conheça, que mais sente. E há trabalho que chega e sobeja para tôdas: educação em geral, educação infantil, a dos costumes, os direitos civis e políticos, o trabalho da mulher nas fábricas e oficinas, a higiene nos seus vários aspectos, o alcoolismo, a paz, etc.

Depois nunca se devem esquecer que as duas principais condições duma boa propaganda, são a

Slhj

tenacidade e a oportunidade. Isto é, nunca se deve fazer propaganda à tôa, a propósito de tudo, mas nunca se deve perder uma boa ocasião de a fazer. O que torna inútil o trabalho de muito propagandista, é não ser capaz de calar a sua opinião e a prègação respectiva, quando não devia falar e não perceber quais são os momentos bons a aproveitar, em que aquilo que se diz ou se faz produz o efeito desejado. Com as mesmas pessoas, obtém-se um efeito nulo ou contraproducente, se a ocasião fôr má.

Não se pode ser bom propagandista, por mais sabedor que se seja, se não se possuir o sentido da oportunidade.

O que as feministas portuguesas teem feito para a propaganda do seu ideal, é pouquíssimo. Elas o sabem melhor do que ninguém. Mas quem as acusar do pouco que teem realizado, comete uma injustiça, porque a verdade é que elas pouco ou nada mais poderiam realizar. É até para admirar o que se tem feito, quando se pensa bem na grande pobreza da nossa vida social. Nada, neste país, as tem incitado a lançarem-se, confiantes, na propaganda e na organização, e tudo se conjuga para as afastar, para as desanimar. Poucos países haverá, talvez nenhum, onde o meio social seja tão pouco propício para certas inovações como o nosso: um analfabetismo desolador; uma rudeza de vida que, em muitos pontos do país, toca as raias do primitivo; uma indústria fraca, e essa

Slhi

mesma, limitada a meia dúzia de povoações; um fraquíssimo espírito associativo; grande falta, na pouca vida associativa que se criou, de espírito construtivo, de seqüencia e tenacidade. É tudo assim em Portugal, e o movimento feminista não podia fazer excepção, tratando-se, de mais a mais, dum trabalho que, em tôda a parte, é difícil.

A causa principal de fraqueza do movimento feminista, está na fraqueza do movimento associativo do operariado, a qual, por sua vez, provém das várias causas que determinam o nosso atrazo geral. Alem disso, a orientação demasiadamente unilateral do movimento operário, originou um lamentável menosprêso, por parte dos melhores elementos e das massas mais actuantes, pelas administrações políticas e administrativas, tanto burguesas como proletárias. Êste facto, cuja gravidade se sentiu nos primeiros anos depois da guerra, produziu-se porque faltou, em Portugal, um partido socialista à altura da sua missão junto do operariado, dentro do qual deveria ter criado um sindicalismo administrativo, que seria a base económica da sua acção política.

Se êste trabalho se tivesse realizado a par e passo da propaganda e da organização dos sindicalistas revolucionários, é provável que a vida social portuguesa não fôsse, em grande parte, o que é actualmente. *Todos* teriam ganho com isso e o feminismo teria evoluido num meio que lhe

Slhi

diminuiria as dificuldades, e encontrar-se-hia agora progredindo mais ràpidamente, e impondo-se mais fortemente aos seus adversários.

Se as coisas se tivessem assim passado no movimento operário, o feminismo contaria com certeza, entre as suas propagandistas, um número muito maior de mulheres, com um ideal social bem definido. É êsse ideal que falta à maioria das feministas. Não se pode lutar pela emancipação da mulher, sem um ideal social bem sentido, que contenha essa emancipação nas suas aspirações. Êsse ideal, para que a acção seja eficaz, só pode ser o socialismo, tornando o termo na sua acepção mais lata. Sem êle, a propaganda feminista não tem um ponto de apoio capaz, nem uma razão de ser que a justifique.

As feministas não podem ignorar que a emancipação da mulher é um aspecto da emancipação de todos os oprimidos e uma resultante da transformação económica. Faltam mulheres socialistas, o que não é para admirar, visto que faltam tantos homens que o sejam. Prégar a emancipação da mulher e admitir a sociedade actual tal como está, é uma contradição, porque é admitir como bom o que impede a realização do que mais se deseja. Feminismo prégador de emancipação, sem ideologia socialista, ou é um entretenimento exibicionista para satisfação de vaidades, ou é uma afirmação sincera — e portanto simpática — de bons desejos e intenções, mas ingénua e estéril.

Slhj

INDICE

O leitor dirá 7

Se sou feminista? conforme... 11

Estamos na grande misturada! 17

«Imoralidade?» Foi sempre assim! 25

Os culpados da emancipação feminina 33

É preciso não confundir! 39

Conflito entre o lar e a profissão 45

Ilusões perdidas 53

Trabalho útil para as feministas. 61

As criadas de servir. 71

Contra a guerra 83

A propaganda feminista. 91

23. JUL. 1989